

Mulheres cafuzas: tecnologia social e transformação da identidade ervateira

Cafuza Women: Social Technology and Ervateira Identity Transformation.

Eduardo do Nascimento²⁰

Patricia Bugallo Lopes Frangelli²¹

Amália Cordona Leites²²

Maria Isabel Deretti²³

Juciara Padilha de Lima²⁴

Ana Maria Vendrami²⁵

cafuzas em busca de soluções econômicas, manutenção da identidade e formação cidadã. O projeto da ervateira cafuza traz consigo um produto com identidade coletiva, valor social e certificação de sustentabilidade, perpassando a compreensão das tecnologias sociais para a diminuição das desigualdades.

Palavras-Chave: Mestiçagem; Sustentabilidade; Desigualdades; Contestado.

RESUMO

Neste trabalho analisa-se a condição socioeconômica e cultural da comunidade cafuza localizada em José Boiteux (SC), com vista para o seu desenvolvimento a partir dos princípios agroecológicos. Tal comunidade se formou a partir de um grupo de caboclos espoliados da Guerra do Contestado. Assentados em 1992, sua identidade se mantém bastante viva por meio das relações comerciais com a erva-mate. Após a chegada da Comissão Pastoral da Terra, as relações de gênero passaram a ser questionadas, por meio de ações que elucidaram a importância e o papel transformador das mulheres para além da visão patriarcal presente na comunidade. Hoje, a liderança comunitária é das mulheres

ABSTRACT

In this work, the socioeconomic and cultural condition of the Cafuza community located in José Boiteux is analyzed, with a view to its development based on agroecological principles. This community was formed from a group of caboclos dispossessed of the Contestado War were settled only in 1992, your identity has been maintained through commercial relations with yerba mate. After the arrival of the Pastoral Land Commission, gender relations began to be questioned, through actions that elucidated the importance and transforming role of women beyond the patriarchal vision present in the community. Today, the community leadership belongs to cafuza women in search of economic solutions, maintenance of identity and citizenship formation. The cafuza herb project brings with it a product with a collective identity, social value and sustainability certification, permeating the understanding of social technologies to reduce inequalities.

Keywords: Miscegenation; Sustainability; Inequalities; Contestado.

²⁰Prof. Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Caçador/SC, eduardo.nascimento@ifsc.edu.br;

²¹Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), Caçador/SC, patricia.frangelli@ifsc.edu.br;

²²Instituto Federal Catarinense (IFC), Ibirama/SC, amalia.leites@ifc.edu.br;

²³Associação Comunitária Cafuza, José Boiteux/SC, mariaisabel.centelha@gmail.com

²⁴Associação Comunitária Cafuza, José Boiteux/SC, juciara.padilhalima@gmail.com

²⁵Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (CEMEAR), Presidente Getúlio/SC, anamariavendrami@gmail.com

Introdução

A memória coletiva da comunidade cafuzo, que compõe o arcabouço de sua tecnologia social, remete à década de 1880-1890 com origem no casal ancestral Jesuíno Dias de Oliveira e Antônia Lotéria Fagundes, ele negro e ela indígena. Esta ancestralidade liga-os à ideia de caboclos para além das questões de cor de pele e do processo de miscigenação, posto que, a mesma foi formada por remanescentes da Guerra do Contestado, os quais tiveram sua origem na espoliação da terra que vitimou a população sertaneja. Dispersos inicialmente em fazendas de erva-mate da região, por volta de 1920 um grupo de caboclos se reuniu seguindo em direção à serra do Morador, atualmente município de Vitor Meireles, onde ocuparam terras livres nos sertões. Em 1947, este grupo se deslocou e viveu isolado no interior da terra indígena Laklãnõ, devido às ameaças e violência cotidianas por parte da companhia de colonização. No ano de 1974 teve início a construção de uma barragem nesta área, de tal forma que, os ocupantes do local da barragem foram obrigados a mudar para áreas mais altas. Como esta população não era proprietária da terra desapropriada, não receberam nenhuma indenização e não foram reassentados. Em meados de 1985, atendendo a reivindicação para a criação de uma comunidade cafuzo, deu-se início ao processo de reassentamento, o qual acabou levando sete anos para se concretizar. Em 1992, finalmente ocorreu o reassentamento e criação da comunidade cafuzo no alto rio Laeisz, município de José Boiteux (SC). Após o reassentamento, deu-se início ao planejamento de ocupação do espaço. Primeiro, as moradias, os roçados e as criações de animais para subsistência das famílias foram construídos. A partir disso, iniciou-se a produção da erva-mate para obtenção de uma fonte de renda, considerando a tradição da comunidade. Com trabalho realizado no sistema de puxirão, construiu-se um galpão para secagem da erva-mate e em seguida, iniciou-se também o plantio da erva-mate (MARTINS, 2001).

A comunidade organiza-se em torno da Associação Comunitária Cafuzo, liderada por um cacique, sendo que as decisões são tomadas coletivamente em assembleias. Neste processo, basicamente os homens ocupavam posições de fala, restringindo-se às mulheres o cuidado com atividades do lar. As relações sociais eram majoritariamente caracterizadas por hierarquias familiares e de gênero. A identidade das pessoas dentro da família era definida conforme a posição que ela ocupava, se adulto ou criança, homem ou mulher. Essa binaridade era fortemente patriarcal, conforme observado em estudos antropológicos. A resistência e a luta dos cafuzos pelo seu território, levou a um conjunto de ações que possibilitou a formação de uma cooperativa de produção com vistas à expansão do cultivo da erva-mate. Porém, ainda existe uma grande distância entre a experiência dos cafuzos, na qual participar é um valor cultural, e as exigências de uma cooperativa, com participação por cotas, controle de horas trabalhadas e financiamento bancário (MARTINS, 2001).

Este trabalho tem como objetivo analisar a atual condição socioeconômica e cultural da comunidade cafuzo em vista do desenvolvimento a partir dos princípios agroecológicos.

Descrição da Experiência

Este relato foi construído a partir de visita técnica e reuniões remotas realizadas em dezembro de 2021 e abril de 2022 com a comunidade cafuzo localizada no município de José Boiteux para planejamento de atividades, prospecção de recursos e parcerias junto às ações da Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia.

Desde 2003, a comunidade é assessorada pelo Centro de Motivação Ecológica e Alternativas Rurais (CEMEAR) e pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) com ações de apoio à organização e planejamento comunitário. A partir desta assessoria, três linhas foram traçadas nestes planejamentos: autossuficiência alimentar, reflorestamento para lenha e material de construção e geração de renda com a erva-mate. Os cafuzos

atualmente mantêm cerca de 90 mil árvores de erva-mate manejadas, sendo a maioria de reflorestamento com uma variedade “Argentina” e uma pequena área de mata com a variedade nativa. A comunidade mantém a colheita da erva-mate para vendê-la *in natura* às ervateiras da região do planalto. Contudo, esse comércio apresenta grande variação na viabilidade econômica, em alguns períodos tendo rentabilidade mínima e em outros mostrando-se inviável em virtude dos preços de mercado e pelo aumento contínuo dos custos de transporte.

O comportamento social na comunidade cafuzza tem sido alterado nas últimas décadas. Após a chegada da CPT, as relações de gênero passaram a ser questionadas por meio da priorização das ações com o grupo de jovens mulheres com foco no empoderamento, encorajamento e engajamento social, auxiliando no entendimento acerca do funcionamento comunitário, elucidando a importância das mulheres e o seu papel transformador para além de uma visão tradicionalista patriarcal. Em determinado período recente, quando o manejo da erva-mate foi abandonado porque os homens estavam trabalhando nas madeiras ou na colheita do tabaco fora da comunidade, as mulheres tomaram iniciativa e formaram um grupo para fazer a colheita da erva-mate (Figura 1a), tradicionalmente realizada somente pelos homens, portanto, reanimando esta relação cultural fundamental para os cafuzos. Outro espaço criado pelas mulheres é chamado de “casa da casquinha”. Neste espaço é onde se produz a canjica e a farinha de biju, alimentos tradicionais da cultura cabocla (Figura 1b). Cabe destacar que nas proximidades da “casa da casquinha”, um grupo de mulheres cultiva uma horta comunitária. Sobretudo, nesse espaço também se cultivam os saberes, as memórias e as experiências da comunidade. Além disso, este é o local no qual ocorrem os encontros das famílias e visitantes. Tal como o espaço da ervateira, a “casa da casquinha” também exerce funções sociais e econômicas, ao mesmo tempo em que evidencia o papel das mulheres para esta comunidade. Estes relatos demonstram a importância das lideranças femininas em busca de soluções econômicas,

manutenção da identidade e formação cidadã, sendo que, diversas lideranças da comunidade são mulheres atualmente, incluindo uma vice-cacique.

Resultados

Tanto a erva-mate, quanto a farinha de biju são tecnologias tradicionais e estão intimamente ligadas à cultura cabocla do Contestado. Já é de conhecimento que a região do Contestado apresenta as mais acentuadas desigualdades de Santa Catarina (KARASINSKI, et al, 2020). As desigualdades na estrutura social estão além de acordos e direitos, elas são constituídas por imperativos sistêmicos. Por isso, é fundamental a manutenção dos espaços simbólicos no Contestado e o fortalecimento da cultura local. A identidade coletiva dá centralidade às redes de pertencimento, ao compartilhamento de valores e ao engajamento desses indivíduos. Para que os grupos oprimidos possam ter uma participação cidadã, é preciso desenvolver a sua autoestima, mudar a sua própria imagem e as representações sobre sua vida, adquirindo motivação e autonomia para a concretização de uma condição mais equilibrada. Isto implica em reconstruir uma realidade que possa gerar ações de mobilização coletiva (COSTA, 2019; GOHN, 2019).

Figura 1. Mulheres cafuzas a) realizando a colheita da erva-mate e b) preparando a farinha de biju, alimento feito de milho.



Fonte: imagens cedidas por Juciara Padilha de Lima vice-cacique da Associação Comunitária Cafuzza.

A racionalidade econômica centrada no lucro, na produção em escala global, na especialização e na competição mercadológica, baseados no modelo industrial colocados pela modernização agrícola do último século, tem apagado intensamente a

sociobiodiversidade, deixando de funcionar os ecossistemas tradicionais, o que tornou irrelevante a produção e transmissão de conhecimentos locais. No entanto, essa racionalidade econômica também criou novas formas de resistência, como destacado pelo protagonismo feminino na comunidade cafuza. Essa comunidade tem se reinventado para assegurar sua autonomia, ativando suas memórias coletivas e redefinindo estratégias inovadoras em defesa do seu modo de vida. O papel do conhecimento biocultural e das tecnologias sociais constituem a força motriz para reverter a problemática socioambiental centrada numa perspectiva econômica de desenvolvimento. Consequentemente, defender as memórias tradicionais e cultivar as sabedorias ancestrais são um enfoque urgente da agroecologia (MACHADO & FILHO, 2014; TOLEDO & BARRERA-BRASSOLS, 2015).

O principal desafio dos cafuzos é permitir que a força de trabalho da comunidade não dependa da prestação de serviços precarizada. O projeto da ervateira *gourmet* traz consigo um produto com identidade coletiva, valor social e certificação de sustentabilidade. Torna-se uma oportunidade e alternativa de emancipação econômica para os mais jovens, possibilitando incremento de qualidade de vida. A possível geração de renda provinda desse projeto visa fortalecer e ampliar a produção de alimentos agroecológicos e criar um círculo virtuoso de produção dentro da comunidade que também possibilita o fortalecimento do papel feminino e da identidade cultural cabocla no Contestado. Geração de renda e pertencimento comunitário passam a significar a manutenção da comunidade em seu território.

Esses elementos conectam o consumidor não somente ao sabor do produto, mas também, ao valor verde e societário o qual possui, perpassando pela compreensão das tecnologias sociais. Dentro desta proposta, há consciência sobre a importância da diminuição das desigualdades e da inclusão social em um contexto que valorize a erradicação da pobreza, garanta o consumo saudável, proteja o ambiente e promova uma economia solidária. Para que isso se concretize é essencial o trabalho em rede com as

instituições como a Rede Contestado de Educação, Ciência e Tecnologia, o CEMEAR, a CPT, a Rede Ecovida de Agroecologia, a Embrapa Florestas e o Observatório dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos da Erva-Mate em ações que fortaleçam os vínculos comunitários e, principalmente, para que possam prospectar os escassos recursos disponibilizados pelas políticas públicas.

Agradecimentos

Os autores agradecem gentilmente ao André Eduardo Biscaia de Lacerda da Embrapa Florestas, membro do Observatório dos Sistemas Tradicionais e Agroecológicos da Erva-Mate pelo apoio e colaboração.

Referências bibliográficas

COSTA, S. Desigualdade, diferença, articulação. **Caderno CRH**, v. 32, n. 85, p. 33-45, 2019.

GOHN, M.G. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Caderno CRH**, v. 32, n. 85, p. 63-81, 2019.

KARASINSKI, E.N.; et al. A rede de educação, ciência e tecnologia no Contestado e a atuação para redução das desigualdades. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 11, n. 1, p. 33-46, 2020.

MACHADO, L.C.P.; FILHO, L.C.P.M. **Dialética da agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARTINS, P. (org). **Sertão de azulá: a comunidade cafuza em perspectiva**. Florianópolis: NUER, 2001.

TOLEDO, V.M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.